

NÃO TE ESQUEÇAS DE TE LEMBRAR DE MIM

NUNCA JAMAIS

COLLEEN
HOOVER

AUTORAS BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TARRYN
FISHER

TOP
SEL
LER

*Este livro é dedicado a todos os que
não são a Sundaë Colletti.*

1

Charlie

Um estrondo. Livros caem no chão de linóleo manchado. Escorregam alguns metros, a rodopiar, e param perto de pés. Os *meus* pés. Não reconheço as sandálias pretas, nem as unhas vermelhas, mas mexem-se quando os mando mexer, por isso devem ser meus. *Certo?*

Uma campainha toca. Estridente.

Dou um salto na cadeira, com o coração acelerado. Os meus olhos movem-se da esquerda para a direita, enquanto observo o que me rodeia, tentando não me denunciar.

Que campainha foi aquela? Onde é que eu estou?

Miúdos com mochilas entram apressados na sala, a conversar e a rir. Uma campainha de escola. Eles sentam-se nas suas mesas, a competir para ver quem fala mais alto. Apercebo-me de um movimento junto aos meus pés e estremeço com a surpresa. Alguém está baixado a apanhar os livros do chão, uma miúda de rosto corado e óculos. Antes de se levantar, ela olha para mim com uma expressão de medo e depois afasta-se. As pessoas estão a rir-se. Quando olho em volta, penso que estão a rir-se de mim, mas é para a miúda de óculos que estão a olhar.

— Charlie! — chama alguém. — Não viste isso? — E depois: — Charlie... qual é o teu problema... Olá...?

O meu coração está a bater muito, muito depressa.

Que lugar é este? Porque é que não me consigo lembrar?

— Charlie! — sussurra alguém.

Olho em volta.

Quem é o Charlie? Qual destes miúdos é o Charlie?

Há tantos miúdos: de cabelo loiro, cabelo despenteado, cabelo castanho, com óculos, sem óculos...

Um homem entra com uma mala na mão. Senta-se à secretária.

O professor. Estou numa sala de aula, e aquele deve ser o professor. Escola ou faculdade?

Levanto-me de repente. Estou no lugar errado. Todos estão sentados, mas eu estou de pé... a caminhar.

— Aonde é que vai, menina Wynwood?

O professor olha para mim por cima dos óculos enquanto folheia uma pilha de papéis. Bate com eles com força na secretária e eu salto. A menina Wynwood devo ser eu.

— Ela está com cólicas! — diz alguém.

Ouvem-se risadas. Sinto um arrepio subir-me pelas costas e ras-tejar pela parte de cima dos braços. Estão a rir-se de mim, mas eu não sei quem são estas pessoas.

— Está calado, Michael — ouço uma rapariga dizer.

— Não sei — respondo, ouvindo a minha voz pela primeira vez. Sai alta demais. Pigarreio e tento de novo: — Não sei. Eu não devia estar aqui.

Mais risos. Olho em redor para os pósteres nas paredes, os rostos dos presidentes com uma data por baixo. *Aula de História? Escola secundária?*

O homem, o professor, inclina a cabeça para o lado como se eu tivesse dito a maior idiotice do mundo.

— E onde é que deveria estar no dia do teste?

— Eu... eu não sei.

— Sente-se — diz ele.

Não sei para onde iria se tivesse saído. Volto-me para regressar ao meu lugar. A rapariga de óculos olha de relance para mim quando passo por ela. Desvia o olhar imediatamente.

Mal me sento, o professor começa a distribuir os testes. Caminha entre as mesas, explicando, com uma voz monocórdica, a percentagem que o teste representará na nossa nota final. Quando chega à minha mesa, faz uma pausa, com um vinco profundo entre as sobrancelhas.

— Não sei o que está a tramar — diz ele, pressionando a ponta do indicador gordo na minha mesa. — O que quer que seja, estou farto. Mais uma gracinha e mando-a ir ter com o diretor.

Bate com o teste na minha mesa e segue caminho.

Não anuo, não faço nada. Estou a tentar decidir o que fazer. Anunciar a toda a sala que não faço ideia de quem sou nem de onde estou... ou chamar o professor à parte e contar-lhe baixinho. Ele disse que estava farto de gracinhas. Os meus olhos fixam-se no teste à minha frente. Os outros já estão debruçados sobre os testes, a escrever.

Quarto Período

História

Professor Dulcott

Há um espaço para o nome. É suposto eu escrever o meu nome, mas eu não sei qual é o meu nome. Ele chamou-me «Menina Wynwood».

Porque é que não reconheço o meu próprio nome? Ou *onde* estou? Ou *o que* sou?

Todas as cabeças estão debruçadas sobre os testes menos a minha. Limito-me a ficar sentada a olhar em frente. O professor Dulcott está a olhar para mim da sua secretária. Quanto mais tempo permaneço sentada, mais vermelho fica o rosto dele.

O tempo passa, mas meu mundo parou. O professor Dulcott acaba por se levantar, abre a boca para me dizer algo, mas a campainha toca.

— Deixem os testes na minha secretária à saída — diz ele, ainda de olhos postos em mim.

Todos estão a sair da sala. Eu levanto-me e sigo-os, porque não sei o que fazer. Mantenho os olhos no chão, mas sinto a raiva dele. Não percebo porque está tão zangado comigo. Estou agora num corredor, com cacifos azuis de ambos os lados.

— Charlie! — chama alguém. — Charlie, espera!

Um segundo depois, um braço entrelaça-se no meu. Imagino que seja a rapariga de óculos, não sei porquê. Não é. Mas agora sei que me chamo Charlie. Charlie Wynwood.

— Esqueceste-te da mochila — diz ela, entregando-me uma mochila branca.

Pego nela, na esperança de encontrar uma carteira com uma carta de condução no interior. Ela mantém o braço entrelaçado no meu enquanto caminhamos. É mais baixa do que eu, e tem cabelo comprido e escuro e olhos castanhos orvalhados que ocupam metade do seu rosto. É surpreendente e bonita.

— Porque é que estavas tão estranha lá dentro? — pergunta ela.
— Deitaste ao chão os livros da Camarão e depois apagaste.

Sinto o cheiro do perfume dela. É familiar e demasiado doce, como se um milhão de flores competissem por atenção. Penso na miúda de óculos, no olhar dela quando se baixou para apanhar os livros. Se eu fiz aquilo, porque é que não me lembro?

— Eu...

— É hora do almoço, porque é que estás a ir por aí?

Ela puxa-me para outro corredor, passando por mais alunos. Pergunto-me se me conhecerão, e por que razão *eu* não me conheço. Não sei porque é que não lhe conto, não conto ao professor Dulcott, porque é que não agarro numa pessoa à sorte e lhe digo que não sei quem sou nem onde estou. Quando começo a considerar essa possibilidade, passamos por portas duplas e entramos no refeitório. Ruído e cor, corpos que têm todos um cheiro particular, luzes fluorescentes brilhantes que fazem tudo parecer feio. *Oh, meu Deus.* Agarro-me à minha camisa.

A rapariga agarrada ao meu braço continua a tagarelar. O Andrew isto, a Marcy aquilo. Ela gosta do Andrew e odeia a Marcy. Não sei quem é nenhum dos dois. Ela encaminha-me para a fila da comida. Pegamos em saladas e *Coca-Cola Zero*. Depois, pousamos os tabuleiros numa mesa. Já há pessoas lá sentadas: quatro rapazes e duas raparigas. Percebo que estamos num grupo com um número par de pessoas. Todas as raparigas têm um par. Todos olham para mim na expectativa, como se esperassem que eu dissesse ou fizesse algo. O único lugar vago é ao lado de um rapaz de cabelo escuro. Sento-me devagar, com as mãos pousadas na mesa. Os olhos dele voltam-se para mim e depois ele debruça-se sobre o seu tabuleiro de comida. Noto delicadas gotas de suor na testa dele, logo abaixo da raiz dos cabelos.

— Às vezes vocês os dois são tão estranhos — diz uma rapariga loira sentada à minha frente.

Ela olha para mim e para o rapaz sentado ao meu lado. Ele ergue os olhos do macarrão e percebo que estava apenas a brincar com a comida no prato. Não tinha comido nada, apesar de parecer muito ocupado. Olha para mim e eu olho para ele, e depois olhamos ambos para a rapariga loira.

— Aconteceu alguma coisa que devêssemos saber? — pergunta ela.

— Não — respondemos em uníssono.

Ele é meu namorado. Percebo-o pela forma como nos tratam. De repente, ele sorri para mim com os seus dentes brancos e brilhantes e põe um braço à volta dos meus ombros.

— Está tudo bem — diz ele, apertando-me o braço.

Contraio-me automaticamente, mas, quando vejo seis pares de olhos fixos no meu rosto, inclino-me para ele e entro no jogo. É assustador não saber quem somos, e ainda mais assustador achar que nos vamos enganar. Agora estou assustada, muito assustada. Isto foi longe demais. Se eu disser alguma coisa agora, vou parecer... *louca*. A demonstração de afeto dele parece deixar todos mais tranquilos. Todos exceto... ele. Eles recomeçam a conversa, mas as palavras misturam-se: futebol, uma festa, mais futebol. O rapaz sentado ao meu lado ri-se e junta-se à conversa, sempre com o braço à volta dos meus ombros. Chamam-lhe Silas. Chamam-me Charlie. A rapariga de cabelo escuro com olhos grandes chama-se Annika. O nome dos outros passa-me ao lado por causa do barulho.

Quando o almoço termina finalmente, todos nos levantamos. Caminho ao lado do Silas, ou melhor, ele caminha ao meu lado. Não faço ideia do local para onde estou a ir. A Annika aparece do meu outro lado, entrelaça o braço no meu e conversa sobre *cheerleaders*. Está a fazer-me sentir claustrofóbica. Quando chegamos a um recanto no corredor, inclino-me para ela e falo de forma que mais ninguém ouça.

— Podes acompanhar-me até à minha próxima aula?

Ela fica séria. Afasta-se para dizer qualquer coisa ao namorado e depois volta a entrelaçar o braço no meu. Eu volto-me para o Silas.

— A Annika vai acompanhar-me até à próxima aula.

— OK — responde ele. Parece aliviado. — Vemo-nos... depois.

Ele segue na direção oposta.

A Annika volta-se para mim mal ele desaparece de vista.

— Aonde é que ele vai?

Encolho os ombros.

— Para as aulas.

Ela abana a cabeça, como se estivesse confusa.

— Não vos percebo. Num dia estão agarradinhos e no outro parece que não suportam sequer estar no mesmo lugar. Tens mesmo de te decidir em relação a ele, Charlie.

Ela para em frente a uma porta.

— A minha aula é aqui... — digo, para ver se ela me contraria. Ela não o faz.

— Liga-me depois. Quero saber tudo sobre ontem à noite.

Aquiesço. Quando ela desaparece no mar de rostos, entro na sala de aula. Não sei onde me sentar, pelo que vagueio até ao fundo da sala e sento-me junto à janela. Cheguei cedo, por isso abro a mochila. Há uma carteira encaixada entre alguns cadernos e uma bolsa de maquilhagem. Pego nela e abro-a. Encontro uma carta de condução com a fotografia de uma rapariga sorridente de cabelo escuro. *Eu.*

Charlize Margaret Wynwood
2417 Holcourt Way
Nova Orleães, LA

Tenho 17 anos. Faço anos no dia 21 de março. Vivo no Louisiana. Estudo a fotografia no canto superior esquerdo e não reconheço o rosto. É o meu rosto, mas eu nunca o tinha visto. Sou... *bonita.* Tenho apenas vinte e oito dólares.

A sala começa a encher-se. O lugar ao lado do meu permanece vazio, quase como se todos tivessem medo de se sentar ali. Estou na aula de Espanhol. A professora é bonita e nova, chama-se professora Cardona. Não olha para mim como se me odiasse, como muitas outras pessoas têm feito. Começamos com os tempos verbais.

Eu não tenho passado. Eu não tenho passado.

Cinco minutos depois do início da aula, a porta abre-se. O Silas entra de olhos baixos. Penso que está aqui para me dizer alguma coisa, ou para me entregar alguma coisa. Preparo-me, pronta para fingir, mas a professora Cardona brinca com o atraso dele. Ele senta-se no único lugar vazio, ao meu lado, e olha em frente. Eu olho para ele. Não paro de olhar para ele até que ele, finalmente, volta a cabeça para mim. Uma gota de suor escorre-lhe pelo rosto.

Tem os olhos arregalados. Arregalados... *como os meus.*

2

Silas

Três horas.

Passaram-se quase três horas e a minha mente continua numa névoa.

Não, não é uma névoa. Nem sequer é um nevoeiro denso. Sinto-me como se estivesse a vaguear numa sala escura como breu, à procura do interruptor da luz.

— Estás bem? — pergunta a Charlie.

Estou a olhar para ela há alguns segundos, a tentar encontrar alguma familiaridade num rosto que aparentemente deveria ser o *mais* familiar de todos para mim.

Nada.

Ela olha para a mesa e o seu cabelo preto e espesso cai entre nós como uma cortina. Quero observá-la melhor. Preciso de algo que me agarre, algo familiar. Quero antever um sinal de nascença ou uma sarda nela antes de a ver, porque preciso de *algo* reconhecível. Agarrar-me-ei a qualquer pedaço dela que me convença de que não estou a perder o juízo.

Reparo que leva a mão ao cabelo e o prende atrás da orelha. Fita-me com uns olhos arregalados, totalmente desconhecidos para mim. O vinco entre as suas sobrancelhas fica mais profundo e ela começa a morder o polegar. Está preocupada comigo. Connosco, talvez.

Connosco.

Quero perguntar-lhe se ela sabe o que se terá passado comigo, mas não a quero assustar. Como é que lhe explico que não a conheço?

Como é que explico isto a *quem quer que seja*? Passei as últimas três horas a tentar agir naturalmente. A princípio pensei que pudesse ter usado alguma substância ilegal que me fez apagar, mas isto é diferente. É diferente de estar pedrado ou bêbedo, e nem sequer faço ideia de como sei isso. Não me lembro de nada antes das últimas três horas.

— Ei. — A Charlie estica o braço como se fosse tocar-me, e depois retrai-se. — Estás bem?

Limpo o suor da testa à manga da camisa. Quando ela olha de novo para mim, vejo que os seus olhos ainda estão cheios de preocupação. Forço os lábios a esboçarem um sorriso.

— Estou bem — murmuro. — Tive uma longa noite.

Mal o digo, encolho-me. Não faço ideia de como foi a minha noite, e, se esta rapariga sentada ao meu lado é mesmo minha namorada, uma frase como esta provavelmente não é muito reconfortante.

Vejo os olhos dela estremecerem ligeiramente e depois ela inclina a cabeça.

— Porque é que tiveste uma longa noite?

Merda.

— Silas — chama uma voz da frente da sala. Olho para cima. — Nada de conversas — diz a professora.

Ela retoma a aula, sem se preocupar muito com a minha reação por ter sido chamado à atenção. Olho de relance para a Charlie, por breves instantes, e depois olho imediatamente para a mesa. Os meus dedos percorrem os nomes gravados na madeira. A Charlie continua a olhar para mim, mas eu não olho para ela.

Viro a mão para cima e passo dois dedos pelos calos que tenho na palma.

Será que trabalho? Será que aparo relva?

Talvez seja do futebol americano. Durante o almoço, decidi usar o meu tempo para observar toda a gente à minha volta e descobri que tenho treino de futebol esta tarde. Não sei a que horas ou onde, mas de alguma forma consegui passar as últimas horas sem saber quando ou onde era suposto estar. Posso não ter qualquer tipo de recordação neste momento, mas estou a aprender que sou muito bom a fingir. *Demasiado* bom, talvez.

Viro a outra mão e descubro os mesmos calos.

Talvez viva numa quinta.

Não. Não vivo.

Não sei como sei, contudo, mesmo sem me conseguir lembrar de nada, parece que tenho uma noção imediata de quais as suposições que estão corretas e de quais não estão. Pode ser apenas um processo de eliminação, e não intuição ou memória. Por exemplo, não me parece que alguém que vive numa quinta use o tipo de roupas que tenho vestidas. Roupas bonitas. *Roupas da moda?* Olhando para os meus sapatos, se alguém me perguntasse se tenho pais ricos, responder-lhe-ia: «Sim, tenho.» E não sei como, porque não me lembro dos meus pais.

Não sei onde vivo, com quem vivo, ou se me pareço mais com a minha mãe ou com o meu pai.

Nem sequer sei qual é o meu aspeto.

Levanto-me abruptamente, empurrando a secretária uns centímetros barulhentos para a frente no processo. Toda a turma se vira para mim, exceto a Charlie, porque ela não desviou o olhar de mim desde que me sentei. Os olhos dela não são inquisitivos ou gentis.

Os olhos dela são acusadores.

A professora olha para mim, mas não parece nada surpreendida por a atenção de todos se ter voltado para mim. Fica parada, complacente, à espera de que eu anuncie o motivo da súbita interrupção.

Engulo em seco.

— Casa de banho.

Tenho os lábios pegajosos. Tenho a boca seca. Tenho a mente em frangalhos. Não espero pela permissão dela para começar a ir nessa direção. Sinto os olhares de toda a gente postos em mim quando atravesso a porta.

Viro à direita e chego ao fim do corredor, mas não encontro a casa de banho. Volto para trás, passo pela porta da sala e continuo até dobrar a esquina e encontrar a casa de banho. Abro a porta, na esperança de encontrar a solidão, mas está alguém de pé junto ao urinol, de costas para mim. Viro-me para o lavatório, mas não olho para o espelho. Olho fixamente para o lavatório, agarrando-o com força com uma mão de cada lado. Inspiro.

Se olhar para mim próprio, talvez o meu reflexo desencadeie uma memória, ou talvez me dê uma leve sensação de reconhecimento. Alguma coisa. *Qualquer coisa.*

O rapaz que estava no urinol há uns segundos está agora ao meu lado, encostado ao lavatório com os braços cruzados sobre o peito. Quando olho para ele, vejo que me observa. Tem o cabelo tão loiro, quase branco. E a pele é tão pálida, faz-me lembrar uma alforreca. Quase translúcida.

Lembro-me de como é uma alforreca, mas não faço ideia do que irei encontrar quando me vir ao espelho?

— Estás com péssimo aspeto, Nash — diz ele, com um sorriso. *Nash?*

Todos os outros me chamaram Silas. Nash deve ser o meu apelido. Eu até confirmava na carteira, mas não tenho nenhuma no bolso. Apenas um punhado de notas. A carteira foi a primeira coisa que procurei depois... Bem, depois do que aconteceu.

— Não me estou a sentir muito bem — resmungo em resposta.

O rapaz fica alguns segundos sem responder. Continua a olhar para mim, da mesma forma que a Charlie olhou para mim na aula, mas com menos preocupação e muito mais satisfação. Sorri afetadamente e afasta-se do lavatório. Endireita-se, mas mesmo assim continua uns três centímetros mais baixo do que eu. Dá um passo em frente, e percebo pelo olhar dele que não se está a aproximar por estar preocupado com a minha saúde.

— Ainda não resolvemos o que aconteceu na sexta-feira à noite — diz ele. — É por isso que estás aqui agora?

As narinas dele dilatam-se quando fala e as suas mãos caem para os lados, e ele fecha-as e abre-as duas vezes.

Tenho um debate de dois segundos comigo próprio, consciente de que, se me afastar dele, irei parecer um covarde. No entanto, também sei que, se avançar, estarei a desafiá-lo a fazer alguma coisa com a qual não quero ter de lidar no momento. É óbvio que ele tem algum problema comigo e com o que quer que eu tenha feito na sexta-feira à noite e o deixou furioso.

Chego a um compromisso, e não mostro qualquer tipo de reação. *Mostra indiferença.*

Desvio preguiçosamente a atenção para o lavatório e abro um dos manípulos até que um jato começa a sair da torneira.

— Guarda isso para o campo — digo-lhe.

Arrependo-me imediatamente. Não tinha pensado que ele talvez nem sequer jogasse futebol. Presumi que jogasse, devido ao seu tamanho, mas, se não jogar, o meu comentário não terá feito o mínimo sentido. Sustenho a respiração e espero que ele me corrija ou me chame à atenção.

Nenhuma dessas coisas aconteceu.

Ele fica a olhar mais alguns segundos, e depois dá-me um encontrão no ombro enquanto se dirige para a porta. Ponho as mãos em concha debaixo do jato de água e dou um gole. Limpo a boca com as costas da mão e olho para cima. Para *mim*.

Para o Silas Nash.

Mas que raio de nome é esse, afinal?

Estou a olhar, sem emoção, para um par de olhos escuros que não me são familiares. Sinto-me como se estivesse a olhar para dois olhos que nunca vi antes, apesar do facto de, muito provavelmente, ter olhado para eles diariamente desde que tinha idade suficiente para alcançar um espelho.

Esta pessoa no reflexo é-me tão familiar como a rapariga que — *de acordo com um tipo chamado Andrew* — ando a «comer» há dois anos.

Esta pessoa no reflexo é-me tão familiar como todos os aspetos da minha vida neste momento.

Ou seja, nada.

— Quem és tu? — sussurro-lhe.

A porta da casa de banho começa a abrir-se devagar, e os meus olhos deslocam-se do meu reflexo para o reflexo da porta. Uma mão aparece, agarrando a porta. Reconheço o verniz vermelho brilhante. *A rapariga que ando a «comer» há mais de dois anos.*

— Silas?

Endireito-me e volto-me totalmente para a porta quando ela espreita. Os seus olhos encontram os meus, mas apenas por dois segundos. Ela desvia o olhar, perscrutando o resto da casa de banho.

— Só estou cá eu — digo.

Ela anui e entra, apesar de hesitante. Gostava de saber como lhe assegurar que está tudo bem para que ela não fique desconfiada. Também gostava de me lembrar dela, ou de qualquer coisa sobre a nossa relação, porque quero contar-lhe. Preciso de lhe contar. Preciso que mais alguém saiba, para que eu possa fazer perguntas.

Mas como é que um tipo diz à namorada que não faz ideia de quem ela é? De quem é que ele próprio é?

Não lhe diz. Finge, tal como tem fingido com toda a gente.

Cem perguntas silenciosas enchem os olhos dela ao mesmo tempo, e eu quero imediatamente esquivar-me a todas elas.

— Eu estou bem, Charlie. — Sorrio, porque sinto que é algo que deveria fazer. — Só não me estou a sentir muito bem. Volta para a aula.

Ela não se mexe. Não sorri.

Fica onde está, sem reagir ao meu pedido. Faz-me lembrar um daqueles animais com molas que se montam num parque infantil. Daqueles que se empurram, mas que saltam logo para cima. Sinto que, se alguém lhe desse um empurrão nos ombros, ela se inclinaria para trás, com os pés no sítio, e voltaria para cima.

Não me lembro de como se chamam esses brinquedos, mas faço uma nota mental de que, de alguma forma, me lembro deles. Fiz muitas notas mentais nas últimas três horas.

Sou finalista.

Chamo-me Silas.

O meu apelido é Nash. A minha namorada chama-se Charlie. Jogo futebol.

Sei como é uma alforreca.

A Charlie inclina a cabeça e o canto da boca dela contorce-se ligeiramente. Entreabre os lábios e, por momentos, apenas ouço a sua respiração nervosa. Quando finalmente forma palavras, quero esconder-me delas. Quero pedir-lhe que feche os olhos e conte até vinte, para eu poder fugir para longe, para não ouvir a pergunta dela.

— Qual é o meu apelido, Silas?

A voz dela é como fumo. Suave e fina, e depois desvanece-se.

Não percebo se é extremamente intuitiva ou se estou a sair-me muito mal a disfarçar o facto de não saber nada. Por momentos,

pergunto-me se devo ou não contar-lhe. Se lhe contar e ela acreditar em mim, talvez consiga responder a muitas das minhas perguntas. Mas se lhe contar e ela *não* acreditar...

— Querida — digo eu, com uma gargalhada dissimulada. *Será que a trato por querida?* — Que raio de pergunta é essa?

Ela levanta o pé que eu tinha a certeza de que estava preso ao chão e dá um passo em frente. Dá outro. Continua na minha direção até estar a cerca de um metro de distância, suficientemente perto para que eu consiga sentir o cheiro dela.

Lírios.

Ela cheira a lírios, e eu não faço a mais pálida ideia de como é que me consigo lembrar do cheiro dos lírios, mas não me consigo lembrar da pessoa que está à minha frente e que cheira a lírios.

Ela não desvia os olhos dos meus, nem por um segundo.

— Silas — diz ela. — Qual é o meu apelido?

Movo o maxilar para trás e para a frente, e depois volto-me de novo para o lavatório. Inclino-me e agarro-me firmemente a ele com ambas as mãos. Ergo os olhos lentamente até me fixar nos dela no espelho.

— O teu apelido?

A minha boca está novamente seca e as minhas palavras saem arranhadas.

Ela espera.

Desvio o olhar dela e volto a fixar-me nos olhos do tipo desconhecido no espelho.

— Não me lembro.

Ela desaparece do reflexo, e imediatamente ouço uma pancada forte. Faz-me lembrar o som que os peixes fazem no Pike Place Market, quando são lançados e agarrados com papel-manteiga.

Pum!

Viro-me e vejo-a deitada na tijoleira, de olhos fechados e braços abertos. Ajoelho-me imediatamente e levanto-lhe a cabeça, mas mal lhe ergo a cabeça uns centímetros do chão, ela começa a abrir as pálpebras.

— Charlie?

Ela inspira um pouco de ar e senta-se. Afasta-se dos meus braços e empurra-me, quase como se tivesse medo de mim. Mantenho as mãos

perto dela para o caso de ela tentar levantar-se, mas não o faz. Deixa-se ficar sentada no chão com as palmas das mãos pressionadas contra a tijoleira.

— Desmaiaste — digo-lhe.

Ela franze a testa.

— Já percebi.

Não volto a falar. Se calhar devia saber o que significam todas as expressões dela, mas não sei. Não sei se ela está assustada ou zangada ou...

— Estou confusa — diz ela, abanando a cabeça. — Eu... Podes...

Ela faz uma pausa e depois tenta levantar-se. Levanto-me com ela, mas percebo que ela não fica satisfeita pela forma como olha para as minhas mãos, ligeiramente levantadas, à espera de a apanhar se ela voltar a cair.

Afasta-se dois passos de mim e cruza um braço sobre o peito. Levanta a mão oposta e recomeça a morder o polegar. Por momentos, estuda-me em silêncio e depois tira o polegar da boca e cerra o punho.

— Tu não sabias que tínhamos aulas juntos depois do almoço. — As palavras dela soam a acusação. — Não sabes o meu apelido.

Abano a cabeça, admitindo as duas verdades que não consigo negar.

— De que é que te lembras? — pergunta ela.

Ela está com medo. Nervosa. Desconfiada. As nossas emoções são reflexos umas das outras, e é então que percebo tudo.

Talvez *ela* não me pareça familiar. Talvez *eu* não me pareça familiar. Mas as nossas ações, o nosso comportamento... são exatamente iguais.

— De que é que eu me lembro?

Repito a pergunta numa tentativa de ganhar mais alguns segundos para que as minhas suspeitas ganhem força.

Ela fica à espera da minha resposta.

— História — respondo, tentando recordar-me do acontecimento mais antigo que consigo. — Livros. Vi uma rapariga deixar cair os livros.

Seguro de novo o pescoço e aperto.

— Oh, meus Deus.

Ela dá um passo rápido na minha direção.

— Isso... isso é a primeira coisa de que *eu* me lembro.

Fico ainda mais nervoso.

Ela começa a abanar a cabeça.

— Não gosto disto. Não faz sentido.

Ela parece calma... mais calma do que eu me sinto. A voz dela é firme. O único medo que vejo é no branco dos seus olhos. Puxo-a para mim sem pensar, mas acho que é mais para meu próprio alívio do que para a pôr à vontade. Ela não se afasta e, por um segundo, pergunto-me se isto é normal entre nós. Pergunto-me se estaremos apaixonados.

Aperto-a mais até sentir o corpo dela ficar tenso contra o meu.

— Precisamos de entender o que se passa — diz ela, afastando-se de mim.

O meu primeiro instinto é dizer-lhe que vai ficar tudo bem, que vou resolver o problema. Sou inundado por uma necessidade avassaladora de a proteger. Só que não sei como o fazer, já que estamos os dois a viver a mesma realidade.

A campainha toca, assinalando o fim da aula de Espanhol. Em segundos, a porta da casa de banho vai abrir-se. Os cacifos vão fechar-se. Vamos ter de descobrir quais são as nossas próximas aulas. Pego na mão dela e puxo-a para trás de mim, enquanto abro a porta da casa de banho.

— Aonde é que vamos? — pergunta ela.

Olho para ela e encolho os ombros.

— Não faço ideia. Só sei que quero sair daqui.

3

Charlie

Este tipo — este rapaz, o Silas — agarra na minha mão como se me conhecesse e arrasta-me atrás dele como se eu fosse uma criança. E é assim que eu me sinto — uma criança pequena num mundo muito, muito grande. Não percebo nada, e muito menos reconheço seja o que for. Tudo aquilo em que consigo pensar, enquanto ele me puxa pelos corredores discretos de uma qualquer escola secundária, é que desmaiei, desmaiei como uma donzela em perigo. E no chão da casa de banho dos rapazes. *Imundo*. Estou a avaliar as minhas prioridades, perguntando-me como é que o meu cérebro consegue encaixar os germes na equação, enfrentando eu claramente um problema muito maior, quando saímos para a luz do sol. Protejo os olhos com a minha mão livre enquanto o Silas tira as chaves da mochila. Segura-as acima da cabeça e faz um círculo, clicando no botão de alarme. De algum canto do parque de estacionamento, ouvimos o som agudo de um alarme.

Corremos até lá, com os sapatos a baterem no cimento com urgência, como se alguém nos estivesse a perseguir. E talvez esteja. Descobrimos que o carro é um SUV. Sei que se destaca porque fica acima dos outros carros, fazendo-os parecer pequenos e insignificantes. Um *Land Rover*. Ou o Silas conduz o carro do pai, ou está a nadar no dinheiro do pai. Talvez não tenha pai. De qualquer forma, ele também não me conseguiria responder. E como é que eu sei quanto custa um carro destes? Tenho memórias de como as coisas funcionam: um carro, as regras de trânsito, os presidentes, mas não de quem sou.

Ele abre-me a porta enquanto espreita por cima do ombro para a escola, e eu tenho a sensação de que me estão a pregar uma partida. Ele pode ser o responsável por isto. Ele pode ter-me dado algo que me fez perder a memória temporariamente, e agora está apenas a fingir.

— Isto é a sério? — pergunto, suspensa sobre o banco da frente.
— Tu não sabes quem és?

— Não — responde ele. — Não sei.

Acredito nele. Mais ou menos. Afundo-me no assento.

Ele analisa os meus olhos mais um pouco antes de bater com a minha porta e correr para o lado do condutor. Sinto-me mal. Como se estivesse de ressaca. Será que bebo? A minha carta de condução dizia que eu só tenho 17 anos. Mordo o polegar enquanto ele entra e liga o motor carregando num botão.

— Como é que sabes como fazer isso? — pergunto.

— Fazer o quê?

— Ligar o carro sem a chave.

— Eu... eu sei lá!

Observo a cara dele quando ele arranca do estacionamento. Pisca muito os olhos, olha ainda mais para mim, passa a língua pelos lábios. Quando paramos num semáforo, ele encontra o botão «Casa» no GPS e prime-o. Fico impressionada por ele ter pensado nisso.

«A redirecionar», articula uma voz feminina. Quero perder as estribeiras, saltar do carro em movimento e correr como um veado assustado. Estou com muito medo.

A casa dele é imponente. Não vemos carros na entrada quando paramos junto ao passeio, com o motor a ronronar baixinho.

— Tens a certeza de que esta é a tua casa? — pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— Parece que não está ninguém — diz ele. — Vamos?

Eu aquiesço. Não deveria ter fome, mas tenho. Quero entrar e comer alguma coisa, talvez pesquisar os nossos sintomas e ver se tivemos contacto com alguma bactéria que come cérebros e roubou as nossas memórias. Uma casa destas deve ter alguns portáteis espalhados pelas muitas divisões. O Silas vira para a entrada e estaciona.

Sai do carro timidamente, olhando para os arbustos e as árvores à sua volta, como se pudessem ganhar vida. Encontra uma chave no seu porta-chaves que abre a porta da frente. Enquanto espero, atrás dele, analiso-o. O cabelo e as roupas dão-lhe um ar despreocupado, mas a postura dos seus ombros denuncia que se preocupa até demais. Também cheira a natureza: relva, pinho e terra preta. Está prestes a rodar a maçaneta.

— Espera!

Ele volta-se lentamente, apesar da urgência na minha voz.

— E se estiver alguém lá dentro?

Ele esboça um sorriso amarelo, ou uma careta, talvez.

— Talvez nos possam dizer que diabo se está a passar...

Entramos. Ficamos imóveis por momentos, a olhar em volta. Eu encolho-me atrás do Silas como uma cobarde. Não está frio, mas estou a tremer. Tudo é pesado e impressionante — a mobília, o ar, a minha mochila, pendurada no meu ombro como um peso morto. O Silas avança. Eu agarro-me à parte de trás da camisa dele enquanto atravessamos o *hall* e entramos na sala de estar. Andamos de divisão em divisão, parando para analisar as fotografias nas paredes. Dois pais sorridentes e bronzeados, com os braços à volta de dois rapazes sorridentes e de cabelo escuro, o oceano ao fundo.

— Tens um irmão mais novo — digo-lhe. — Sabias que tens um irmão mais novo?

Ele diz que não com a cabeça. Os sorrisos nas fotos ficam mais escassos à medida que o Silas e a miniatura dele crescem. Há muito acne e aparelhos dentários, fotografias de pais a esforçarem-se por parecer alegres enquanto puxam para si rapazes de ombros rígidos. Passamos para os quartos... para as casas de banho. Pegamos em livros, lemos os rótulos nos frascos de medicamentos castanhos que encontramos nos armários. A mãe dele tem flores secas espalhadas pela casa: aninhadas entre as páginas dos livros na mesa de cabeceira, na gaveta da maquilhagem e alinhadas nas prateleiras do quarto deles. Toco em cada uma delas, sussurrando os seus nomes. Lembro-me do nome de todas as flores. Por alguma razão, isso faz-me rir. O Silas estanca quando entra na casa de banho dos pais e me encontra debruçada a rir.

— Desculpa — digo. — Passou-me uma coisa pela cabeça.

— O quê?

— Percebi que me esqueci de tudo sobre mim, mas sei o que é um jacinto.

Ele anui.

— Pois.

Ele olha para as mãos, franzindo a testa.

— Achas que devíamos contar a alguém? Ir ao hospital, talvez?

— E achas que iam acreditar em nós? — pergunto.

Ficamos a olhar um para o outro. Contenho mais uma vez a vontade de perguntar se ele me está a pregar uma partida. Isto não é uma partida. É demasiado real.

Em seguida, passamos para o escritório do pai, remexendo nos papéis e abrindo gavetas. Não há nada que nos explique por que razão estamos assim, nada de anormal. Observo-o atentamente pelo canto do olho. Se isto for uma partida, ele é muito bom ator. *Talvez seja uma experiência*, penso. Faço parte de uma experiência psicológica do governo e vou acordar num laboratório. O Silas também me observa. Vejo os olhos dele na minha direção, a pensar... a avaliar. Não falamos muito. Apenas: «Olha para isto.» Ou: «Achas que isto nos pode ajudar?»

Somos desconhecidos e há poucas palavras entre nós.

O quarto do Silas é o último. Ele agarra na minha mão ao entrar e eu deixo, pois começo a sentir-me novamente tonta. A primeira coisa que vejo é uma fotografia nossa na secretária dele. Eu estou mascarada, com um tutu demasiado curto com padrão de leopardo e asas de anjo pretas que se abrem elegantemente atrás de mim. Tenho pestanas espessas e brilhantes. O Silas está vestido de branco, com asas de anjo brancas. Está bonito. *O bem contra o mal*, penso. Era esse o tipo de jogo que fazíamos? Ele olha para mim e ergue as sobrancelhas.

— Escolhemos mal as fantasias — digo eu, encolhendo os ombros.

Ele sorri e depois seguimos para lados opostos do quarto.

Eu ergo o olhar para as paredes cobertas de fotografias: um sem-abrigo encostado a uma parede, embrulhado num cobertor; uma mulher sentada num banco de jardim, a chorar com as mãos no rosto.

Uma cartomante, com a mão agarrada ao pescoço, olha para a objetiva de olhar vazio. As fotografias são mórbidas. Quero afastar-me, envergonhada. Não percebo porque é que alguém *quereria* fotografar coisas tão tristes, quanto mais pendurá-las nas paredes para as ver todos os dias.

E depois volto-me e vejo uma câmara fotográfica dispendiosa em cima da secretária. Está numa posição de destaque, no topo de uma pilha de livros de fotografia. Olho para o Silas, também a analisar as fotografias. Um artista. As fotos serão dele? Estará ele a tentar reconhecê-las? Não vale a pena perguntar. Avanço, olho para as roupas dele, olho para dentro das gavetas da sua luxuosa secretária de mogno.

Estou tão cansada. Estou prestes a sentar-me na cadeira da secretária quando ele de repente se anima e me chama.

— Olha para isto.

Eu ergo-me lentamente e aproximo-me dele. Está a olhar para a cama por fazer. Tem os olhos brilhantes e devo dizer... chocados? Sigo-os até aos lençóis. E então o meu sangue congela.

— Oh, meu Deus.

ESQUECER PODE SER TERRÍVEL, MAS RELEMBRAR PODE SER AINDA PIOR...

Charlie e Silas estão apaixonados desde os 14 anos, mas há uma manhã em que tudo muda e eles se tornam completos desconhecidos. O primeiro beijo, o momento em que se apaixonaram, a primeira discussão... todas as suas memórias desaparecem. Quando se apercebem de que ambos se encontram nesta estranha situação, Charlie e Silas decidem trabalhar em conjunto para descobrir o que lhes está a acontecer, dando assim início a uma jornada de autodescoberta e de reflexão sobre si próprios e o seu mundo.

Contudo, quanto mais descobrem sobre as pessoas que eram, mais se questionam acerca do que os faz permanecer juntos...

Não perca nenhum destes romances incríveis!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897873416



9 789897 873416 >